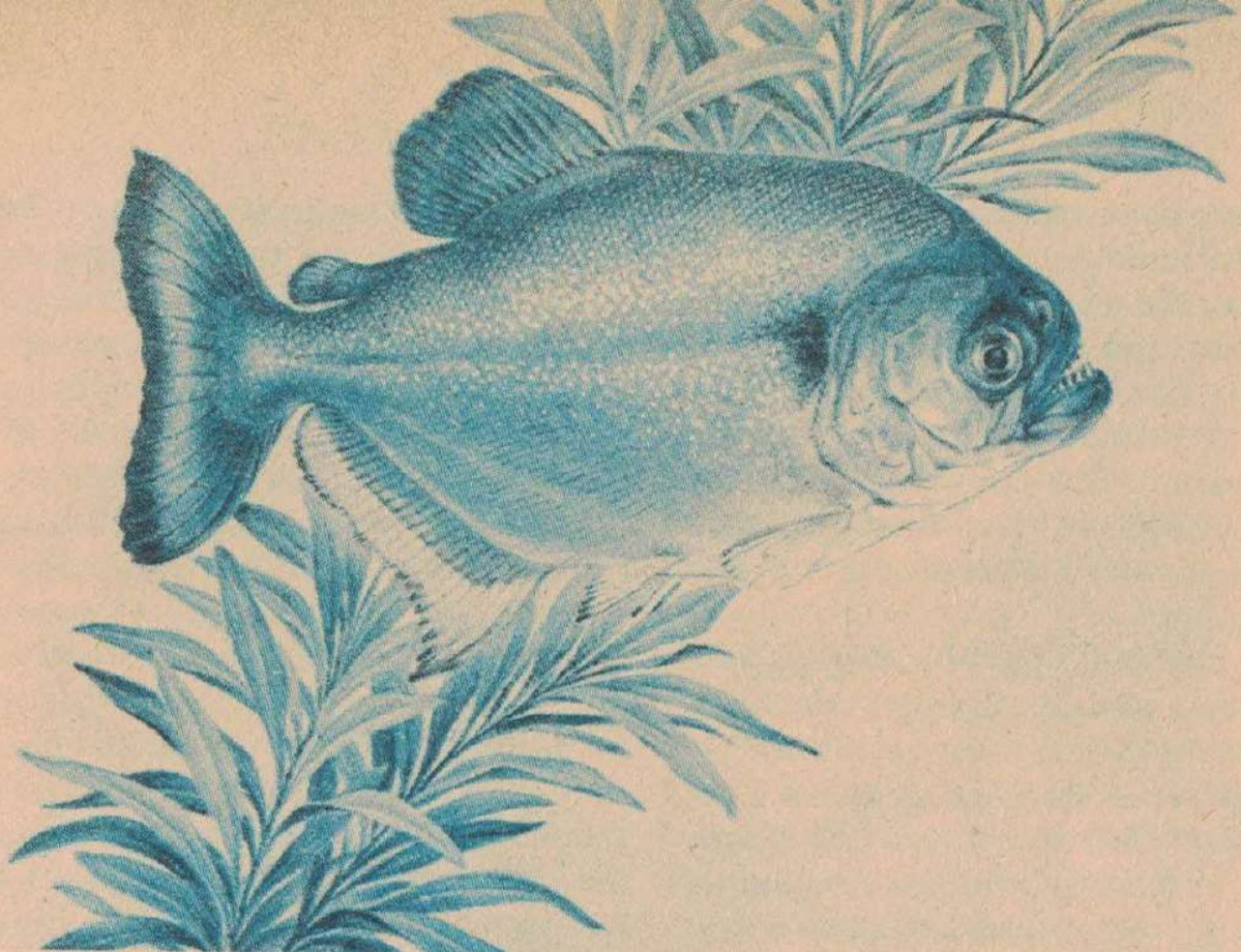




PIRANHHA, o canibal de água doce

*Não deve haver na Terra criaturas de seu tamanho
mais ferozes que esses peixes de dentes como navalhas*

EMILY E PER OLA D'AULAIRE

NÃO são muitos os animais que ostentam a terrível reputação de «antropófagos». O grande tubarão-branco é um que, vez por outra, devora nadadores e marinheiros náufragos. Muita gente também já serviu de repasto para leões e tigres. Quanto aos crocodilos, já houve quem se

visse atacado por eles. Mas o mais provável é que não exista criatura mais cegamente selvagem que esse pequeno peixe dos rios da América do Sul: a piranha.

À primeira vista, ela não parece nada perigosa. Seu corpo é alto, ovalado e comprimido lateralmente; lembra mesmo um pacu, desses

que um garoto poderia pescar numa modorrenta tarde de domingo. E realmente ela é parenta próxima de certo peixinho ornamental chamado dólar-de-prata, muito plácido e estimado pelos aquariófilos. É, mas, no fim de contas, qualquer semelhança com tal irmandade de criaturas mais dóceis se esvai por completo.

A cabeça da piranha, compacta e de perfil côncavo na parte de cima, apresenta uma rija ossatura. Os olhos são redondos, grandes e algumas vezes de cor vermelho-sangue, enquanto a boca é armada de dentes triangulares, afiados como navalhas. Quando o maxilar inferior — lançado para frente como o dos buldogues — se fecha numa abocanhada, os dentes de cima engatam-se nos de baixo com perfeição, e o resultado é que qualquer coisa apanhada entre eles se vê cortada como manteiga por um bisturi. Basta uma dentada para arrancar um bom pedaço de carne. O nome *piranha*, aliás, deriva do tupi-guarani e significa *peixe-dente*. Em alguns países de língua espanhola, ele é chamado *caribe* ou peixe canibal.

Tivemos oportunidade de presenciar, nós mesmos, essas ferozes mandíbulas em ação, quando contratamos um guia para nos levar a uma pescaria, longe de Manaus, na selva brasileira. Uma hora depois de deixarmos a cidade, Jorge desligou o motor do barco numa enseada lodosa do Amazonas e atirou na água um anzol com uma isca de carne crua. Quase imediatamente

alguma coisa fisgou, e ele puxou de volta, pulando e lutando na ponta da linha, um peixe de cerca de 30cm, que depositou no fundo da embarcação. «É piranha vermelha», preveniu ele. «Cuidado com as mãos e os pés.» Agitando-se no fundo da estreita canoa, com a barriga de um vermelho vivo que brilhava ao sol, ela parecia tão vistosa como qualquer outro peixe tropical que já tivéssemos visto, mas suas mandíbulas de aspecto feroz não paravam de abocanhar selvagemmente o ar. Jorge pegou num remo para aplicar-lhe uma pancada e libertar o anzol. Num bote rápido, então, ela cortou um pedaço semicircular do remo de madeira e em seguida saltou por cima da borda do barco, que não era alta, e desapareceu na água. Foi aí que compreendemos a razão por que faltam dedos dos pés e das mãos em tantos pescadores das regiões em que elas vivem.

Como em geral as piranhas atacam em grandes cardumes, por vezes de centenas de espécimes, o estrago de que são capazes — e a velocidade com que o fazem — é inacreditável. Um vaqueiro do sertão brasileiro nos contou que, numa caçada, ferira uma capivara de quase 7kg — animal que é o maior roedor do mundo e cuja carne é muito apreciada na bacia amazônica. Ferida, ela correu e procurou segurança num lago próximo, nele mergulhando num rastro de sangue. O vaqueiro viu a água fervilhar, branca, depois tornar-se vermelha, e,

em instantes, da capivara só restavam os ossos.

Essa reputação aterradora de que gozam em todo o mundo, as piranhas a ganharam em 1914 quando Theodore Roosevelt voltou para os Estados Unidos contando a história de um homem descarnado por elas até os ossos enquanto atravessava um rio brasileiro montado numa mula. Embora sejam raros os casos verdadeiros de piranhas devorarem gente, quando isso acontece é aterradorizante. Em novembro de 1976, um ônibus que atravessava o rio Urubu, infestado de piranhas, a pouco mais de 200km a leste de Manaus, tombou da barcaça em que ia. Nove horas depois, quando o veículo foi retirado do rio, só se encontraram os esqueletos da maioria dos 38 passageiros mortos no acidente: as piranhas os haviam devorado.

A despeito de tais incidentes, muitos estudiosos acham que a ameaça que as piranhas representam para os seres humanos não passa de exagero. Acenam com o fato de os nativos da bacia amazônica nadarem sempre nesses rios que os pescadores alegam estar infestados de piranhas. De fato, os indígenas temem muito mais as raias-lixas, as sucuris e os candirus — traíçoeiro peixinho parasita que, segundo se diz, penetra pelos orifícios do corpo e ali se aloja, exigindo cirurgia para ser removido.

George S. Myers, professor emérito de biologia da Universidade de Stanford, na Califórnia, não con-

corda com essa opinião. Para ele, o perigo da piranha, tal como o do tubarão, é real: é uma questão de se estar no lugar e na hora errada. «Tubarões, leões, cascavéis e piranhas não atacam automaticamente para matar quem quer que penetre em seus *habitats*», afirma ele, «mas dizer-se que qualquer desses animais não é mortífero é bobagem.»

As piranhas tornam-se mais perigosas nas águas rasas: nas praias, enseadas ou lagos e nos açudes cujas águas diminuem no verão. Escasseia o líquido e, por conseqüência, o alimento natural das piranhas (em geral outros peixes), e então elas ficam particularmente famintas e agressivas. Nas regiões em que há rebanhos, é comum que os ataquem. Quando as vacas vagueiam pelo raso, as piranhas põem-se sob elas e mutilam suas tetas e as pontas das caudas. O *Dicionário dos Animais do Brasil*, de Rodolfo von Ihering, narra que, num só ano, certo criador do estado de Mato Grosso perdeu com elas 1.200 cabeças de gado.

Não deve ser apenas um motivo que leva esses peixes a atacar assim, mas uma combinação de fatores, inclusive os já citados: fome, águas rasas e alta densidade de espécimes.

Os olhos das piranhas são excepcionais, mas elas, além da visão, utilizam o olfato e certa sensibilidade a vibrações subaquáticas para detectar suas presas. O cheiro do sangue as enlouquece, fazendo-as atacar a origem desse sangue, de boca escancarada e a velocidades difíceis de acompanhar com os olhos.

Deve haver muitos tipos de piranhas, desde as que têm poucos centímetros, até as de 60cm. Elas infestam lagos, rios e açudes da maior parte da área leste dos Andes, na América do Sul, e encontram-se espalhadas do Norte da Argentina até os países litorâneos das Caraíbas. Algumas variedades não são mais perigosas que peixinhos dourados de aquário; outras, porém, como a piranha vermelha ou cachorra, são verdadeiros canibais.

O estranho é que mesmo as espécies mais perigosas são pais desvelados com suas crias – fato pouco comum entre os caracídeos, família a que pertencem. As fêmeas põem seus ovos nas hastes da vegetação aquática: são centenas de cada vez. Os machos fertilizam-nos e depois não se afastam muito deles. Ao nascerem, os filhotes permanecem ligados por vários dias à vegetação, até que o envoltório da gema dos ovos seja absorvido. Essa larvazinha seria um pitêu para os outros peixes se a piranha macho não tratasse de afastá-los ferozmente. Só as abandona quando já são capazes de nadar sozinhas – e daí por diante é cada um por si.

Da mesma forma que os tubarões, as piranhas aproveitam-se das oportunidades. Sozinhas ou em cardumes, atacam e comem tudo que houver; mas, diferentemente daqueles, capazes de se intimidarem se a presa é maior que eles, as piranhas se lançam sobre criaturas muitas vezes maiores que elas, caso estejam feridas ou comportando-se de

maneira não usual. Quando a vítima é um peixe graúdo, elas por vezes o imobilizam cortando-lhe a cauda; só depois o devoram. Ao comer, cada piranha dá a sua dentada e depois retrocede num puxão, para arrancar o pedaço de carne; deixa então vago o lugar para outra piranha, que, rápido, se atira à frente e repete a manobra. Movimentando-se assim, à maneira de uma esteira rolante, elas dão cabo de uma presa numa velocidade incrível. Nem mesmo as aves escapam quando esses peixes se sentem famintos. Não raro, garças e patos selvagens que voejam baixo sobre a água desaparecem num remoinho de espuma e sangue.

Mas mesmo elas não escapam, de certa forma poética, à justiça: muito apreciadas pelos índios, são apanhadas às dúzias em águas onde eles lançam o sumo da casca de uma planta venenosa, o timbó, que fragmentam e esmagam. Assim que começam a boiar, são apanhadas e assadas sobre carvão em brasa. Depois de degustadas, seus maxilares são usados como tesoura para cortar plantas e couro. Dos dentes, por vezes embebidos em curare, fazem-se pontas de flechas.

Mas, se de um lado, os nativos encontram utilidade para elas, do outro, os conservacionistas não querem vê-las de maneira nenhuma em áreas onde não existem naturalmente. No Sul da Flórida, onde o clima é ideal para as piranhas, os cientistas mantêm rigorosa vigilância, uma vez que passa por ali um

florescente fluxo comercial de peixes tropicais, inclusive piranhas, vindos da América do Sul para os Estados Unidos. Temem as autoridades que alguns destes «peixinhos» possam de alguma forma acabar nos rios dali.

E isso realmente aconteceu em 1972, quando pescaram uma piranha num açude próximo a Miami. A Comissão de Peixes Esportivos e de Água Doce, da Flórida, envenenou aquela água, mas nenhuma outra piranha emergiu. A partir de então, segundo Vernon Ogilvie, biólogo daquela comissão, têm surgido incessantes rumores da existência de cardumes desses peixes na região oeste de Miami. «Isso nunca pudemos comprovar», diz Ogilvie, «mas bem sei que, sob o ponto de vista biológico, elas se dariam perfeitamente bem aqui.»

Fica como consolo o fato de que, mesmo nas regiões em que elas abundam, o confronto homem/piranha acontece, em geral, devido ao acaso ou à insensatez humana.

Tome-se como exemplo o caso de um chefe indígena do alto Tapajós, que estava limpando uma galinha à beira de um lago e, inadvertidamente, atirou os miúdos na água. Em seguida, mergulhou as mãos para lavar-se do sangue. Houve um rápido movimento sob a superfície, seguido de um berro do homem, que retirou rápido as mãos... mas sem um dedo index, que fora cortado. «Os habitantes de sua aldeia levaram a coisa com muita filosofia», contou-nos o missionário que presenciara o incidente. «Disseram que a culpa era dele por ter metido a mão na água; não da piranha por tê-lo mordido.»



Males de amor

QUANDO um rapaz se queixa de que uma moça não tem coração, é quase certo que ela tem o dele.

— G. D. P.

UMA VERDADEIRA carta de amor é ridícula para todo mundo menos para quem a envia e para quem a recebe.

— B. B.

O AMOR é como o oceano — sempre igual, mas sempre diferente.

— Ogden Nash

COMO é que a gente sabe se o amor terminou? Se você prometeu estar num lugar às sete e só apareceu às nove, e se a outra pessoa ainda não mandou chamar a polícia, então é porque o amor morreu.

— Marlene Dietrich's ABC

Entre Aspas

REMINISCÊNCIA é o único paraíso do qual não podemos ser expulsos.

– Jean Paul Richter

MOSTRE-ME um bom perdedor, e eu lhe mostrarei alguém que está jogando golfe com o patrão.

– N. S. E.

Você ama a vida? Então não desperdice Tempo, pois é desse material que a Vida é feita.

– Benjamin Franklin

SE PENSA que ninguém se preocupa que você esteja vivo, experimente não pagar algumas prestações do carro.

– E. W.

A CHUVA boa, como o mau pregador, não sabe quando parar.

– Ralph Waldo Emerson

O CONFORTO chega como convidado, demora-se até se tornar dono da casa e fica para nos escravizar.

– L. S. B.

TODAS as nossas unhas crescem com incrível rapidez... exceto a que se quebra.

– Ogden Nash

FALE quando estiver zangado, e você fará o discurso que mais vai lamentar para todo o sempre.

– A. B.

POUCAS coisas ajudam mais um indivíduo que fazê-lo responsável por algo e deixá-lo saber que você confia nele.

– Booker T. Washington

NADA revela tanto a indiferença de um homem pela opinião pública quanto usar *shorts*.

– F. P. J.

TODO mundo pensa em modificar a humanidade, mas ninguém pensa em se modificar.

– Lev Tolstói

ACASO é o pseudônimo que Deus usa quando não quer assinar o nome.

– Anatole France

VASSOURA nova varre bem, mas vassoura velha conhece os cantos.

– Provérbio irlandês